



A MAÇONARIA MÍSTICA
E A FLAUTA MÁGICA DE MOZART

Resumido por

Corinne Heline

Fraternidade Rosacruz

Centro Rosacruz de Campinas – SP – Brasil

Avenida Francisco Glicério, 1326 – conj. 82

Centro – 13012-100 – Campinas – SP – Brasil

Revisado de acordo com:

Cópia Datilografada: Traduzido do alemão por F. Ph. Preuss em 1976 da
Revista “Das Rosenkreuz” e Resumido por Corinne Heline

Pelos Irmãos e Irmãs da Fraternidade Rosacruz – Centro Rosacruz de
Campinas – SP – Brasil

www.fraternidaderosacruz.com

contato@fraternidaderosacruz.com

fraternidade@fraternidaderosacruz.com

SUMÁRIO

PRIMEIRO ATO.....	4
O ENREDO DA ÓPERA	5
SEGUNDO ATO.....	11

PRIMEIRO ATO

Mozart inicia a abertura de sua Ópera “Flauta Mágica”¹ com três acordes majestosos que correspondem aos três passos, ou graus fundamentais, que é a base de todos os ensinamentos místicos. Essa tríade é conhecida como o serviço da Loja Azul. Os três acordes descrevem as três batidas do candidato antes que ele tenha o seu pedido de iluminação atendido. A esses três acordes segue-se uma procissão em marcha solene, geralmente escrita para metais, a qual simboliza a “senda” do candidato. Na abertura, muitos acordes com temas diferentes foram genialmente entremeados por Mozart. Ele descreve aqui os maravilhosos e augustos ensinamentos, os três graus maçônicos superiores, os quais existem em todo ser humano. A abertura chega à sua máxima e triunfal expressão quando retrata exatamente a “senda”. O caminho é longo e o trabalho é exaustivo, mas no final – assim Mozart nos conta – o aspirante digno chega à culminância - ele se torna um “Iniciado”. Na abertura são descritos vários processos, pelos quais a pedra, áspera e tosca, se transforma até ficar completamente polida; ele finaliza com a repetição dos três acordes (batidas), através dos quais é mostrado que o solicitante procura maior sabedoria e luz. A senda é sem-fim, a procura é eterna!

¹ N.T.: A Flauta Mágica (original em alemão *Die Zauberflöte* Loudspeaker.svg? KV 620 é uma ópera (singspiel) em dois atos de Wolfgang Amadeus Mozart, com libreto alemão de Emanuel Schikaneder. Estreou no Theater auf der Wieden em Viena, no dia 30 de setembro de 1791. Algumas de suas árias tornaram-se muito conhecidas, como o dueto de Papageno e Papagena, e as duas árias da Rainha da Noite.

O ENREDO DA ÓPERA

A cena inicial desenrola-se no Egito, num campo aberto, perto do templo de Isis. Tamino², um belo e jovem mancebo, em vestimentas elegantes, está sendo perseguido por uma grande serpente. Sua precipitação, perturbação e medo são expressivamente descritos nas agitadas passagens da orquestra. Com uma prece aos deuses para obter proteção, ele cai inconsciente ao chão.

Aparecem três jovens cobertas por véus, cada uma com uma lança de prata para que possam matar a cobra. Após o que, elas cantam a beleza do mancebo num harmônico e melodioso trio. Essas três jovens representam, na obra máxima de um aspirante ao iniciar suas buscas, a purificação do corpo, a purificação dos desejos e os apetites, assim como a espiritualização do intelecto. Os grandes progressos que Tamino já alcançara na senda são comprovados pelo fato de que a cobra fora abatida no seu corpo tríplice, isto é, as paixões animais, que pertencem à natureza inferior, já foram vencidas.

Uma melodia lindíssima soa ao longe; ela é alegre, uma das características das obras de Mozart. Ela descreve perfeitamente o personagem que a canta: “O passarinho, sim sou eu, alegre, cantando e pulando...”

O seu traje é feito principalmente de penas e nas costas traz uma grande gaiola de pássaros. Tamino acorda e vê a cobra morta aos seus pés, contempla o recém-chegado com interesse e esse lhe diz que seu nome é Papageno³ e que ele é um caçador de pássaros da Rainha da Noite; ele acrescenta, ainda, que todos os dias, quando leva os pássaros à Rainha, recebe das três meninas, suas servas, pão, vinho e figos doces.

Assim como Tamino é um aspirante à procura da luz, Papageno representa a massa humana, a qual pouco ou nada se interessa pelo que diz respeito à

² N.T.: o príncipe

³ N.T.: o caçador de pássaros

espiritualidade profunda, e que vive só para comer, beber, para ser feliz, com poucos pensamentos para o amanhã.

Papageno percebe que Tamino crê ter sido ele quem matou a cobra e reivindica imediatamente o mérito para si. Ele diz ter a força de um gigante e afirma ter matado a cobra com seu braço direito. Nesse instante, aparecem as três jovens veladas, que solicitam ao caçador de pássaros, que se vangloria, que abandone suas mentiras. Elas lhe dizem que nem pão nem vinho receberá nesse dia, mas somente água e uma pedra, e que, além disso, fechar-lhe-ão os lábios com um cadeado.

As Servas da Rainha dão a Tamino um quadro de Pamina⁴ e contam-lhe que ela é a filha da Rainha. Quando ele vê a encantadora beleza, canta a fascinante ária: “Esta imagem é tão bela e encantadora, como olhos jamais viram!”. Ele expressa seu desejo de estar unido a ela para sempre. Pamina representa a natureza espiritual latente no homem, a qual é frequentemente apresentada como a sublime feminilidade. Quando um discípulo se aperfeiçoa em sua busca, começa a sentir as perspectivas da maravilhosa e augusta beleza superior, e se consagra cada vez mais intensamente à realização da união com seu divino EU, o que constitui, no ocultismo, “as bodas místicas”.

As jovens (servas da Rainha) informam Tamino que ele fora escolhido para ser o libertador da bela Pamina, que desaparecera por magia de um mago malévolo.

Ecoa uma ensurdecadora trovoadas, e o cenário escurece. Entre estrelas aparece a Rainha da Noite em seu trono. Seu recitativo, solene e sério, conta a perda de sua filha. Numa graciosa ária, em coloratura, canta que Tamino é

⁴ N.T.: filha da Rainha da Noite

inocente, sábio e piedoso e se ele tiver êxito em achar sua filha, poderia tomá-la como sua. Depois dessa promessa, o cenário escurece novamente.

O candidato ao atingir um certo grau em sua “senda” começa a desenvolver a clarividência. Esse novo grau de visão fá-lo capaz de visualizar algo dos mundos internos. A pergunta, feita admiravelmente por Tamino, é própria de todos os aspirantes que alcançam esse estado de consciência: “É verdade o que eu vejo? Ou perturbam-se os meus sentidos?”. As jovens dão-lhe, a seguir, uma flauta mágica, a qual - e elas prometem - o protegerá em qualquer dificuldade. Pois que a flauta suaviza as paixões dos seres humanos, e tem muito mais valor do que ouro e coroas e proporcionará, algum dia, paz a todos os seres humanos. Esta flauta mágica representa a divindade latente no ser humano; se o seu poder for desenvolvido satisfatoriamente, fá-lo-á capaz de ouvir seu próprio tom básico por toda a sua vida, parando, somente, na hora da morte.

As jovens livram os lábios de Papageno e ordenam-lhe que acompanhe Tamino. O medroso caçador de pássaros não se entusiasmou com essa ordem, pois não aspira a nada superior. Elas lhe dão alguns sinos mágicos que, como elas dizem, o protegerão de todo mal.

Ao ficar só, Tamino toca a flauta e dirige uma prece aos deuses, suplicando por bençãos e proteção quando ele for à procura de Pamina. Essa prece é acompanhada pela orquestra com um delicado “*Obligato*” de flauta.

O quadro seguinte é o de uma ala ricamente adornada num palácio egípcio. O mágico malévolo, Monostatos⁵, um representante dos poderes negros, entra arrastando a semiconsciente Pamina. Ele a joga sobre um sofá e acena a três escravos que o ajudem a algemá-la. Esses três escravos representam os veículos humanos: o Corpo Denso, o Corpo de Desejos e a Mente quando

⁵ N.T.: mouro a serviço de Sarastro

usados para fins maléficis. São símbolos do prazer inferior, do medo e da ignorância, os quais acorrentam o espírito à personalidade.

Papageno entra em cena acompanhado por outros - para Mozart esse acompanhamento é caracterizado por frases diabólicas de violino. O homem dos pássaros reconhece imediatamente Pamina como a figura original do quadro que ele havia visto nas mãos de Tamino e narra-lhe sobre o jovem e vistoso mancebo que vem em seu socorro. Ela, por sua vez, sente-se encantada com as boas novas, porém adverte Papageno que, se for descoberto, morrerá morte muito cruel. Eles resolvem fugir imediatamente, titubeando, contudo, porque o passarinho, sentindo-se sobremaneira feliz devido à simpatia dela, confessa-lhe a sua solidão, dando-lhe a entender que ele mesmo a desejaria como sua pequena Pamina. Pamina admoesta-o a ser paciente, e diz-lhe que sabe que os deuses lhe mandarão uma companheira.

Os dois afastam-se, cantando o lindíssimo dueto sobre a delícia e a bem-aventurança do amor: “não há nada mais nobre do que o homem e a mulher”.

O cenário muda: três templos estão ligados entre si por corredores de colunas. O da direita ostenta a inscrição “TEMPLO DA RAZÃO, o da esquerda, “TEMPLO DA NATUREZA”, e o do meio, “TEMPLO DA SABEDORIA”. Esses três templos representam, na simbologia maçônica, a força masculina, a beleza feminina e a sabedoria (a união dos dois).

Quando Tamino indagou às três jovens como podia achar a montanha na qual Pamina está encerrada, elas lhe contaram que seria acompanhado por três belos mancebos, sábios e bons. Esses três jovens guiam-no aos três templos, abandonando-o depois com a exortação: “sede imperturbável, paciente e calado, considerai isso; enfim, sede homem, depois jovem, e tereis a vitória como homem”. Novamente só, Tamino procura entrar no Templo à direita, mas a entrada lhe é proibida por uma voz que lhe ordena “para trás”;

experimenta entrar no Templo à esquerda, mas a entrada lhe é proibida da mesma maneira. Ele não se deixa perturbar e bate no portal do meio, o da “SABEDORIA”. Um sacerdote idoso aparece na entrada e o príncipe compreende que chegou ao Templo de Sarastro⁶, o sumo sacerdote do sol, o mago sábio, que se acha em harmonia com as forças da luz. Tamino tenta, ansioso, saber algo sobre o paradeiro de Pamina. O sacerdote responde-lhe: “meu caro filho, não me é permitido dizer-te isso agora. O juramento e a responsabilidade tolhem-me a língua”, Tamino pergunta quando estará liberto desse juramento. O sacerdote responde-lhe numa das mais solenes árias da ópera: “Logo que te guiar ao santuário do laço da eterna amizade”.

Nessa ocasião, um coro se eleva pedindo a Tamino não interromper suas buscas pois que não demorará muito tempo até que encontre Pamina. Tamino responde numa ária que exprime sua alegria e gratidão pelo auxílio dos deuses, acompanhado por um sublime solo de flauta.

Quando Tamino se afasta, aparecem Papageno e Tamina, que são perseguidos por Monostatos e seus três escravos. Em desespero, Papageno toca os sinos mágicos que recebera das três jovens, para sua proteção. Imediatamente forma-se ao redor dos dois uma aura que não pode ser devastada pelo mago malévolo. Eles estão livres! É na verdade, possível a todas as pessoas encerrarem-se em si mesmas numa aura divina, onde nenhuma força negativa ou maléfica possa atingi-las. Papageno e Pamina cantam jubilosos um dueto em agradecimento ao auxílio divino, que lhes foi concedido por intermédio da sonoridade dos sinos; proclamam que, se todos soubessem fazer uso de tal magia, inimigos tornar-se-iam amigos, e o mundo inteiro seria o reino da beleza e da harmonia.

⁶ N.T.: sacerdote de Ísis e Osíris

Um coro invisível anuncia a aproximação do sumo sacerdote Sarastro. Ele entra acompanhado por vários sacerdotes e Iniciados. Pamina relata que tentara fugir, pois temia o mouro Monostatos. Num ritmo apaziguante, conta-lhe Sarastro que algum dia compreenderá por que foi separada de sua mãe, e colocada sob os cuidados do Templo. Nesse instante entra o mouro arrastando Tamino atrás de si. O príncipe e a princesa reconhecem-se de maneira intuitiva e abraçam-se afetuosa e calorosamente. Sarastro pede aos sacerdotes para encaminharem Tamino e Papageno ao Templo da Provação. Os sacerdotes lhes cobrem as cabeças com véus e os acompanham para fora. Sarastro toma Pamina pela mão e guia-a ao Templo da Sabedoria. Ali, invoca os deuses e suplica-lhes que abençoem os jovens aspirantes à procura da luz:

“Ó Isis e Osiris, dai
o espírito da sabedoria ao jovem par!
Vós, que guiais os passos que caminham;
Fortalecei-os no perigo com a paciência!
Fazei que eles vejam os frutos da provação;
Se, porém, devem descer à sepultura,
Gratificai a virtude da ousada corrida,
Aceitai-os em vossa Santa Morada”.

SEGUNDO ATO

O segundo ato começa com uma marcha solene (geralmente com instrumentos de sopro) com o mesmo tema dos acordes iniciais da abertura. Como acompanhamento, aparecem os sacerdotes, guiados por Sarastro, que lhes diz que Tamino e seu companheiro esperam na entrada norte do Templo. Eles perguntam ao príncipe por que Tamino desejaria conhecer os mistérios.

Ele responde que sua finalidade é alcançar sabedoria para que possa se unir a Pamina. Acrescenta, ainda, que ele espera, com isso, fortificar as forças do amor e da comunhão no mundo e está pronto a sacrificar sua vida para atingir esse fim. A seguir, os sacerdotes perguntam a Papageno qual o objetivo de sua vida. Ele responde que não ambiciona sabedoria; deseja somente comer bem, dormir e brincar e, se possível, achar uma pequena companheira para si.

Aqui estão claramente revelados os dois caminhos da evolução. Há poucos, como Tamino, dedicados ao serviço da sabedoria. Mas muitos são como Papageno, só vivem para gozar a aquisição de bens materiais e ter vida alegre e voluptuosa.

As três jovens voltam e advertem Tamino da traição de Sarastro e dos sacerdotes. Tamino nega-se a ouvi-las. Sempre em épocas de crise espiritual unem-se as baixas forças físicas, tanto com os sentimentos quanto com as forças mentais, para uma experiência decisiva que visa alterar, astutamente, o espírito humano da luz. A uma ordem severa de um dos sacerdotes, as três jovens afundam na terra. Novamente entram os sacerdotes. Eles louvam Tamino por sua coragem, força e perspicácia.

O segundo ato, em sua maior parte, é dedicado às tentações que Tamino e Pamina precisam vencer, para confirmar sua dignidade perante a Iniciação dos mistérios.

O cenário mostra um jardim maravilhoso. Pamina aparece novamente, perseguida pelo negro Monostatos. Ele descreve o seu desejo imperioso em relação a Pamina, exigindo que ela se entregue a ele. Ela, porém, afirma, com toda a energia, que antes prefere morrer. No auge dessa luta, aparece a Rainha da Noite e Pamina pede-lhe ajuda. A Rainha responde-lhe que seu pai, antes de morrer, dera o santo escudo do sol ao sumo sacerdote e que ela não pode libertá-la sem o poder do escudo. Contudo, entrega à Pamina um punhal, com o qual poderia matar Sarastro e ajudar a mãe a retomar o escudo sagrado. Numa ária-coloratura, a Rainha confirma seu ódio contra o sumo sacerdote e seu desejo de vingança, jurando destruir o templo e os sacerdotes.

A Rainha desaparece quando Pamina cai de joelhos rezando, pois sabe que não pode matar Sarastro. O mau Monostatos, que espreitava, volta. Rapidamente arranca de Pamina o punhal e exige que ela se entregue a ele, ou do contrário morrerá. Ela repete que prefere a morte. De repente, Sarastro encontra-se entre os dois. Ternamente toma a moça em seus braços, contando-lhe que fora separada da Rainha para seu próprio bem, porque ela queria encetar uma revolta para destruir o Templo, junto com seus santos servidores. Isso, declara ele, agora ela não seria capaz de fazer. “Tu e Tamino”, acrescenta, “sois destinados um para o outro”. “Juntos, tereis muitas bênçãos e trareis muitos benefícios ao mundo.” A cena termina com a magnífica ária de Sarastro:

“Nestas santas galerias
Não se conhece a vingança;
E se um homem decair
O amor o levará ao seu dever
Anda suave na mão amiga
Contente e alegre num mundo melhor.
Nestes muros abençoados

Onde o homem ama o Homem,
Não pode traidor espreitar,
Porque perdoa-se ao inimigo.
Aquele, a quem tais ensinamentos
Não agradam, não merece homem se chamar.”

Cada grupo que estuda a atividade das leis divinas cria uma força dinâmica, utilizando-a para construir ou destruir. É de máxima importância, para os grupos, aprenderem que a primeira fase em sua obra é: “viver e deixar viver”. Recomenda-se cautela para impossibilitar imediatamente qualquer sinal de bisbilhotice, inveja, ciúme ou ódio. Se isso for negligenciado, haverá discordância, afastamento e, no fim, como consequência, a destruição. Uma lei fundamental diz que a verdadeira ação esotérica só pode ter sucesso se baseada na união espiritual. A pedra fundamental de todos os grupos ocultos pode ser achada nas palavras do sumo sacerdote Sarastro: “Nestas santas galerias não se conhece a vingança”.

O quadro seguinte é o de uma galeria grande, Tamino e Papageno são acompanhados por dois sacerdotes que lhes pedem para ficar calados, aludindo que, se ouvirem trombetas, devem-se dirigir à direção dos sons. Papageno, porém, não se cala. Tagarela sem parar, de alegria, apesar dos esforços de Tamino em fazê-lo calar-se. Entram depois os três jovens, que trazem uma mesa repleta de comida e vinho. Trazem, também, a flauta e os sinos mágicos. Papageno está encantado e começa a comer vorazmente, enquanto Tamino toca sua flauta. A esse som, aparece Pamina correndo rapidamente em sua direção. Ele se lembra de seu juramento e faz-lhe sinais para ir-se embora, entendendo que teria perdido seu amor. Ela canta com desânimo:

“Ah! Eu sinto que desapareceu
Eternamente a felicidade do amor.
Nunca mais voltareis vós, horas de prazer,
Ao meu triste coração!

A cena seguinte passa-se perto das pirâmides. Entram Sarastro e seus sacerdotes. Numa procissão solene cantam uma invocação a Isis e Osiris. Tamino e Pamina são levados para o cenário, envoltos em véus, e lhes é anunciado que se devem separar para sempre. Quando tiram os véus de Tamino, Pamina corre impetuosamente em sua direção; porém, ele a rejeita, e Pamina, triste, abandona a galeria, para enfrentar seu desventurado destino.

Amedrontado, Papageno vem à procura de Tamino. Bate numa porta e depois noutra. Vozes ásperas advertem-no de que ele não é digno de ser admitido. Mereceria trilhar para sempre os escuros abismos da terra, mas os deuses o dispensam do castigo, “jamais tereis, porém, o prazer de sentir a Iniciação”. Papageno responde: “Bem, então existe mais gente igual a mim” e, enquanto toca os seus sinos, canta a atraente ária: “Uma menina ou mulherzinha Papagena⁷ deseja para si...”

A seguir, a cena se passa num jardim, ao alvorecer... Os três jovens vêm adorar o sol nascente. Pamina entra levando o punhal que a Rainha da Noite lhe dera, dizendo que vai acabar com a vida. Os três mancebos aconselham-na a esperar pacientemente a sua reunião com Tamino, o qual se aproxima, pois Deus a castigaria pelo suicídio.

A próxima cena mostra duas montanhas separadas. No interior de uma, vê-se um fogo chamejante, da outra, uma estrondosa catarata. Dois guardas, em armadura, cantam:

⁷ N.T.: prometida a Papageno

“Aquele que trilha este caminho cheio de sofrimentos,
Purifica-se pelo fogo, pela água, pelo ar e pela terra,
Se supera o medo da morte
Impulsiona-se da terra aos céus
Iluminado será depois de
Consagrar-se aos mistérios de Isis.”

À esquerda, entra Tamino, acompanhado por um sacerdote, e, à direita, Pamina acompanhada por outro. Sem demora, dão-se as mãos atravessando o fogo, incólumes. Tamino toca sua flauta mágica durante esse tempo. Depois passam ilesos pela prova da água. Quando acabam de passar, Sarastro acha-se na porta aberta do templo, e dá-lhes as boas-vindas ao venerável santuário!

Antes fora mencionado que o santo escudo do sol havia sido entregue pelo pai de Pamina ao sumo sacerdote. Isso se refere à aura iluminada de um Iniciado, ao maravilhoso traje nupcial, que cada neófito deve tecer para si mesmo, antes de chegar a ser um Iniciado. Esse traje, formado pelos dois éteres superiores de um aspirante, é muitas vezes denominado “a roupagem de um mestre em azul e ouro”, pois são essas as cores dos dois Éteres Superiores. Se um aspirante vestir este Traje Nupcial pode passar através de fogo, ar, água e terra.

A cena final da ópera começa quase em completa escuridão. A Rainha da Noite e suas três jovens aproximam-se, acompanhadas por Monostatos que leva uma tocha acesa. Eles pretendem destruir o Templo e seus sacerdotes; como recompensa por seu auxílio, Monostatos receberia a mão da encantadora Pamina. De repente, ouve-se um trovão ensurdecidor. Imaginaram terem sido destituídos de seu poder, e com um grito de pavor afundam os cinco na terra.

Novamente o palco se torna feericamente iluminado e o Templo, em luz radiante, é visto no alto de uma colina. Nele aparecem Sarastro, os sacerdotes, os três jovens, Tamino e Pamina. Como foi antes mencionado, os três mancebos representam os três veículos inferiores do ser humano: o Corpo Denso, o Corpo de Desejos e a Mente. Numa existência terrestre o ser humano acumula conhecimentos, os quais deixam a sua impressão na natureza composta, para a posteridade. Por um processo alquímico, que é ativo tanto durante uma vida terrestre como também durante o tempo da presumida morte e Renascimento, a essência das experiências é alquimicamente extraída da personalidade e incluída na alma tríplice. Nessa ópera franco-maçônica, os três aspectos da alma são identificados como as três características do espírito: “poder, sabedoria e beleza”.

A “Flauta Mágica” finaliza com o coral dos sacerdotes:

“Santificados sede vós, Iniciados!

Superastes o tormento da noite

Bendito sê tu, Osiris,

Louvor a ti, ó Isis

Venceu o celso poder

Recompensado com a coroa eterna,

da beleza e da sabedoria”.

Na “Flauta Mágica”, Mozart descreve a senda que o candidato – pobre, nu e cego – percorre à procura da luz. A ópera continua revelando os passos seguintes da senda, de muitas provas e alterações, pelas quais ele é submetido para, finalmente, tornar-se digno de entrar naquele Templo, que não é feito por mãos, mas que está eternamente nos céus, onde ele se encontra para sempre em divina união com a LUZ ETERNA.

FIM